

Machado, para ficar mais perto do *Café Lamas*, o último pôrto das minhas noites.

A tradicional *Pensão Carias!* Nela vivi uma aventura tragi-cômica digna de Maupassant e em que Ronald de Carvalho achava uma graça enorme; nela ao tempo morava Andrade Muricy com a sua grande e escolhida biblioteca e a fermentação silenciosa da sua obra futura; nela me procuravam frequentemente o inimitável e saudoso Jayme Ovalle e o interessantíssimo Sérgio Buarque de Hollanda, dois outros amigos diários durante o ano de 1922; nela recebi um telefonema que muito gratamente ainda retine nos meus ouvidos e na minha vida.

O Sérgio, muito jovem, alto, de monóculo, na aparência física e no *aplomb* natural um Henri de Régnier sem calva e sem bigode, aparecia sempre sobraçando umas dez brochuras, os últimos *vient de paraitre* da *Nouvelle Revue Française*, entre os quais sempre um Proust, quando não era um Rilke, que ele adorava. Foi o maior leitor que conheci; não lia, devorava os livros. A sua fome e a sua sede de leitura eram inauditas, daí a sua prodigiosa informação, daí a cultura que, além do seu talento, contribuiu para o tornar o notável ensaísta, historiador e crítico de história e literatura que é hoje. Além dos clássicos e dos antigos, conhecia todos os modernos, à época, da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Itália e da Rússia. A ele devo o conhecimento que então tive com alguns dos escritores eslavos

desconhecidos à época e com Rilke. Viera para o Rio como "Cônsul do Modernismo de S. Paulo", como por brincadeira se dizia dele; na verdade, era o representante da revista *Klaxon*, dita futurista, de S. Paulo. Mas logo que chegara, mandara rezar, numa das nossas igrejas, em 30 de novembro de 1922, uma missa por alma de Óscar Wilde, pela passagem do vigésimo segundo aniversário da morte do poeta inglês. Assim (talvez *pour épater le bourgeois*) conciliava ele a irreverência do *modernismo*, o lamentável amoralismo de *Dorian Gray* (que ao tempo já era, aliás, uma literatura prescrita) com a piedade cristã.

A minha residência oficial era a *Pensão*, mas eu morava mesmo era no *Lamas*. As noitadas ou vigílias no *Café Lamas*, bem como os seus ovos mexidos com presunto, já tinham sido frequentados e decantados por duas gerações anteriores à minha e a minha foi a última geração que os frequentou. O *Lamas* e o *Suiço*, como se sabe, foram os dois primeiros e até então eram os dois únicos cafés que ficavam abertos a noite toda.

O *Suiço* era mais frequentado, pela madrugada, pelos rapazes da imprensa, após os labores noturnos dos jornais; o *Lamas*, frequentado por todos, escritores consagrados, mas ainda notívagos, e escritores em começo de nomeada, estreates, artistas, estudantes, rapazes de famílias importantes e de alta roda, a *jeunesse dorée* como modestos boêmios bem educados.

O Ovalle, aliás Don Jayme Rojas de Aragón y Ovalle, como lhe chamava o Olegário (o querido Ovalle, o

PENNAFORT, Onestaldo de. Um rei da valsa. Rio de Janeiro, São José, 1958